

“VAMOS PARA O TERREIRO?”¹

O Ativismo Folkmidiático de Álex Solarios no Instagram Contra o Racismo Religioso?

Elaine Barcellos de Araújo²
Karina Janz Woitowicz³
Adelson da Costa Fernando⁴

RESUMO

O presente artigo discute as práticas de comunicação popular como forma de ação política contra o racismo religioso a partir da atuação de Álex Solarios, um ativista que realiza intervenções urbanas e difunde a umbanda nas redes informais e nas redes midiáticas. Para tanto, utiliza-se o conceito de ativista midiático (Trigueiro, 2008) para observar o conteúdo das postagens da página do agente folk na rede social Instagram, considerando a presença de elementos folkcomunicacionais e de discursos de combate à intolerância religiosa. Entre os principais resultados destaca-se a identificação do processo de apropriação das redes sociais digitais por agentes e grupos marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Ativismo Folkmidiático; Instagram; Folkcomunicação; Racismo Religioso; Umbanda.

“VAMOS PARA O TERREIRO?”

Em tempos de intensas transformações tecnológicas e midiáticas, as práticas comunicacionais oriundas da cultura popular encontram nas redes digitais novos territórios de expressão, resistência e disputa simbólica. Neste contexto, emerge a figura do ativista folkmidiático, conceito cunhado e desenvolvido por Osvaldo Trigueiro (2008) e que é abordado também por Karina Woitowicz (2016), os quais articulam os

¹ Trabalho apresentado para o GT 3: Folkmídia e Processos Midiáticos, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Mestranda em Jornalismo pelo PPGJor/UEPG/PR e integrante do Grupo de Pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação. Contato: elaine.barcellos@gmail.com.

³ Professora doutora no Curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGJor/UEPG/PR). Bolsista de produtividade em Pesquisa CNPq. Contato: karinajw@uepg.br.

⁴ Professor doutor no Curso de jornalismo e no Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM). Contato: acostaf@ufam.edu.br

fundamentos da Folkcomunicação propostos por Luiz Beltrão (1980), com as dinâmicas contemporâneas das mídias digitais.

A folkcomunicação adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica. Ela representa inegavelmente uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas (Melo, 2008, p. 25).

A presença de religiosos em redes sociais digitais tem se intensificado nas últimas décadas, reconfigurando as formas de mediação simbólica da fé e da cultura. Nesse contexto, marcado pela diversidade religiosa e por profundas desigualdades e disputas simbólicas, a atuação de jovens religiosos em plataformas, como o Instagram, revela dinâmicas comunicacionais que vão além da simples divulgação de crenças e de fé. Trata-se também de espaços de resistência, de expressão, de identidade e ativismo.

O universo das redes sociais multiplicou de forma exponencial as produções culturais pelos mais diversos grupos, sendo sua divulgação caracterizada pelo consumo imediato, pelo debate e discussão e pela chamada viralização nas redes sociais. Assim, a visualização de determinadas postagens são reflexos do processo de inclusão dos temas e pessoas sobre os problemas contemporâneos nas classes excluídas socialmente; é neste sentido que propomos a utilização do referencial teórico da Folkcomunicação para o estudo e análise deste campo de representações criado pelas redes sociais e pelo ciberativismo (Maciel, 2018, p. 98).

Desta forma, este artigo analisa a atuação de Álex Solarios como um ativista folkmidiático, conceito desenvolvido por Trigueiro (2008), que articula práticas comunicacionais oriundas da cultura popular e religiosa com o uso estratégico das redes sociais, como o Instagram. Entendemos o influencer como um agente comunicacional que articula saberes tradicionais, experiências populares e ferramentas digitais com o objetivo de contestar hegemonias e construir narrativas alternativas, conforme é possível observar nas práticas de ativismo religioso desenvolvidas por Solarios e difundidas nas redes sociais.

ASPECTOS DO ATIVISMO FOLKMIDIÁTICO

O líder folk pode ser um artista popular, um praticante de uma religião afro-brasileira, um jovem indígena, um rapper de periferia, ou qualquer outro sujeito situado nas bordas do

sistema midiático tradicional. No dizer de Trigueiro (2008), a atuação de um ativista folkmidiático envolve algumas práticas como: criação de vídeos, áudios ou imagens que transmitem valores culturais da comunidade; denúncia de violações de direitos e silenciamentos históricos; defesa de saberes tradicionais e cosmovisões marginalizadas; intervenção nos debates públicos com base em vivências populares.

Segundo Fernando e Mota (2024), esses líderes são caracterizados como ativistas folkmidiáticos porque utilizam as ferramentas e técnicas da rede social para transmitir sua mensagem, ensinamentos, tradições, críticas, humor, cotidiano de fé, carisma para engajar os fiéis. Ou seja, de acordo com Trigueiro (2008, p. 135), o ativista folkmidiático é aquele que, ao mesmo tempo, articula saberes populares e opera narrativas de resistência simbólica através das mídias digitais. Pode-se considerar que tais práticas tensionam a colonialidade do poder (Quijano, 2005) e do saber (Santos; Meneses, 2010) e nos ajudam a compreender como práticas religiosas afro-brasileiras, como a umbanda, continuam sendo marginalizadas, mesmo na contemporaneidade, diante da ampliação de espaços no ambiente digital:

[...] na realidade, o que interessa é saber como a sociedade contemporânea faz uso das múltiplas formas de comunicação e das culturas ofertadas pelas redes midiáticas e os seus cruzamentos com as redes de comunicação interpessoais que operam nas práticas da vida cotidiana. Não é mais possível persistir em compreender-se a influência dos meios de comunicação, sem se entender o que as sociedades fazem com os acontecimentos difundidos pelos meios midiáticos (Trigueiro, 2008, p. 1).

Em seus estudos, Maria Isabel Amphilo (2011, p. 10) destaca que Beltrão fazia uma crítica aos meios de comunicação massivos, que não cumpriam com o seu papel de manter o povo informado, mas —enformado— em um sistema sociopolítico e econômico que privilegiava as classes dominantes, em detrimento das classes subalternas; e que nesta realidade, a sociedade de massas acabava por estimular que o indivíduo perdesse a sua identidade. Para reverter esse processo, onde o ser humano possa reaver voz e vez, expressando ideias e opiniões, valoriza-se o sistema da Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados.

Quanto à expressão de seu pensamento e aspirações, utilizam, como os demais grupos marginalizados, os meios que denominamos de folk. No entanto, é em manifestações coletivas e atos públicos, promovidos por instituições próprias (sindicatos, associações desportivas, benfeiteiros e recreativas, como escolas de samba, clubes carnavalescos e conjuntos folclóricos, ou organizações religiosas, como irmandades e confrarias católicas, centros espíritas, terreiros de umbanda e candomblé, igrejas e tendas de confissões evangélicas pentecostais) que, sob formas

tradicionais, revestindo conteúdos atuais, sob ritos, às vezes universais, mas consagrados pela repetição oportuna e especialmente situada, essa massa popular urbana melhor revela suas opiniões e reivindicações, exercitando a crítica e advertindo os grupos do sistema social dominante de seus propósitos e de sua força (Beltrão, 1980, p. 60).

A elaboração de mensagens sustentadas na realidade dos grupos marginalizados, por meios de comunicação informais e horizontais, constitui a base da folkcomunicação. Ao transpor os fundamentos de Beltrão para as práticas de comunicação na atualidade, é possível reconhecer dinâmicas de apropriação midiática que potencializam as vozes de grupos e agentes folk que contestam os valores hegemônicos, a exemplo da ação do ativista midiático Álex Solarios no campo religioso.

A PALAVRA DE EXÚ

—Você tem um minutinho para ouvir a palavra de Exú?

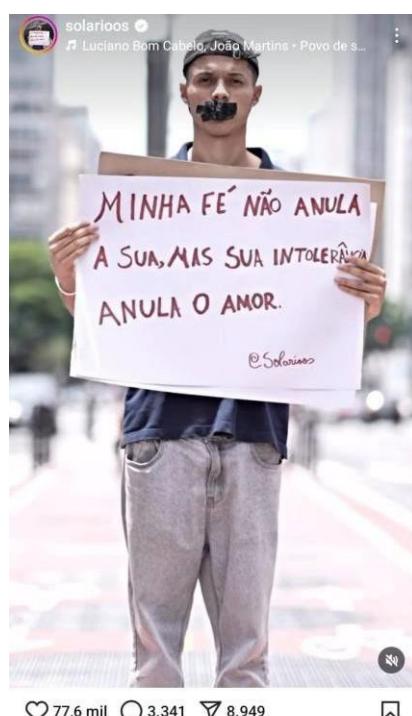
Este é o bordão que o influencer Álex Solarios⁵ utiliza em suas abordagens presenciais, em uma clara confrontação com a atuação da comunidade evangélica. O jovem negro de 21 anos, que se identifica como umbandista, aborda pessoas nos espaços públicos de São Paulo, como passeios, pontos de ônibus, estações do metrô com o objetivo de —desdemonizar|| a entidade Exú e a Umbanda, religião brasileira que sincretiza elementos de matriz indígena e africana.

A página na rede social do Instagram, até 20 de julho, acumulava 307 mil seguidores, e além da conversa que mantém pelos stories com o seu público, o feed registrava 50 postagens sobre a desmistificação da Umbanda, a luta contra o preconceito, humor e a cultura religiosa afro-brasileira. No entanto, no primeiro trimestre do ano, os registros no perfil do folkreligioso traziam outros números. Em uma análise realizada em 21 de abril deste ano, o feed de @solarioos trazia 265 publicações, registrava 289 mil seguidores contra 372 perfis que seguia. Neste mesmo período, o primeiro registro que constava na plataforma datava de 27 de novembro de 2024. Solarioos, como assina a página, estava dentro de um carro, à noite, declamando um poema sobre intolerância religiosa. Até abril, a publicação tinha acumulado 240 curtidas, 17 comentários e 21

⁵ Conheça o perfil de Álex Solarios no Instagram: www.instagram.com/solarioos/ Acesso em 21 abr. 2025.

compartilhamentos. Em menos de um ano, o vídeo que traz cartazes com críticas à violência cometida contra o povo de terreiro registra 77,6 mil curtidas, 3.341 comentários e 8.949 compartilhamentos, como marca a figura abaixo. A data da publicação é 19 de janeiro de 2025 e os dados foram conferidos às 12:55 de 19 de maio de 2025. Estes dados demonstram o grande interesse de uma comunidade digital sobre o tema, a abordagem e o conteúdo compartilhado pelo ativista.

Figura 1 – Protesto contra a intolerância racial nas ruas de São Paulo.



Fonte: www.instagram.com/solarioos

Entretanto, os números da violência religiosa apontam para um cenário de preconceito e ódio contra o povo de terreiro. O II Relatório sobre Intolerância Religiosa⁶: Brasil, América Latina e Caribe, disponibilizado no dia 19 de janeiro de 2023, apontou que em 2022 houve uma média de três (3) denúncias de intolerância religiosa por dia. O Disque 100 do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC) tem números mais atuais. Em janeiro, de acordo a reportagem e Daniella Almeida da Agência Brasil⁷, foram

⁶ Saiba mais sobre o relatório em <https://www.unesco.org/pt/articles/relatorio-sobre-casos-crescentes-de-intolerancia-e-lancado-na-semana-nacional-de-combate>. Acessado em 17 mai. 2025.

⁷ Veja mais dados sobre os casos de intolerância religiosa pelo Disque 100 em <https://bit.ly/3UiwnM2>. Acessado em 17 mai. 2025.

registrados 2.472 casos de intolerância religiosa em 2024. Um aumento de 66,8% em um ano na violação. Em 2023 foram 1.481 denúncias. —Se considerados os dados registrados entre 2021 e 2024, o crescimento das denúncias de violações foi de 323,29%||, aponta a notícia publicada em 21 de janeiro de 2025 - Dia do Combate à Intolerância Religiosa. Ainda de acordo com a reportagem, —as pessoas violadas com mais frequência são pertencentes aos segmentos: umbanda (151), candomblé (117), evangélico (88), católico (53), espírita (36), outras declarações de religiosidades afro-brasileiras (21), islamismo (6), judaísmo (2)||. E mulheres: 1.423 foram vítimas da discriminação religiosa em 2024.

A Figura 2 registra a atuação do ativista folkmidiático em um espaço público, quando difunde a cultura religiosa de matriz africana, com o propósito de romper preconceitos.

Figura 2 – Intervenção da comunidade do axé de Álex Solarios no metrô de São Paulo.



Fonte: Perfil de Álex Solarios no Instagram

São contra incidentes de intolerância que o agente folkmidiático Solaroos – ou ativista folkreligioso - atua por meio da sociedade em rede. Para isso, em grande parte de seus vídeos a mensagem que está presente é que a —nossa religião não é do demônio. É do bem, é caridade, é amor ao próximo||. Para finalizar sua mensagem, ele diz: —Exú te ama!||, uma alusão e crítica à manifestação religiosa dos evangélicos, que também ocupam

o espaço público para evangelizar ou para levar a palavra de Deus, como costumam dizer em suas abordagens. —Laroyê Exú, mojubá!|| também é uma expressão muito usada pelo ativista (Figura 2). A saudação em iorubá, dita para exus e pombagiras, pode ser entendida como —mensageiro Exú, eu te saúdo|| (ou te reverencio, ou ainda, meu respeito). Outros elementos muito presentes no conteúdo são —os toques|| de atabaques e cânticos (pontos) de conexão e louvor às entidades da Umbanda, além das vestimentas, como visto na Figura 3, abaixo.

Figura 3 - Imagem extraída do *Reels* —Salve a malandragem que sempre me protege!.



LÍDER FOLKCOM X RACISMO RELIGIOSO

A análise do conteúdo publicado por Álex Solarios no Instagram revela um intenso processo de ressignificação da identidade umbandista. Em suas postagens, o influencer não apenas compartilha conteúdos educativos sobre a Umbanda, como também atua de forma incisiva contra o racismo religioso, a intolerância e os estigmas sociais associados às religiões de matriz africana. Solarios se utiliza de uma linguagem acessível e estética visual sofisticada para traduzir elementos do universo simbólico e da cosmologia umbandista — como os orixás, guias e fundamentos — a públicos diversos, promovendo uma espécie de pedagogia popular da fé. Um exemplo recorrente em seu

conteúdo são vídeos curtos explicando entidades como Exu e Pomba Gira, desmontando preconceitos com base no conhecimento tradicional e em experiências pessoais.

Seu ativismo também se expressa em momentos em que denuncia a intolerância religiosa institucionalizada, questionando a hegemonia do cristianismo nas políticas públicas e no imaginário nacional. Nesse sentido, ele se alinha ao que Trigueiro (2008) chama de —resistência simbólica folkmidiática, pois, ao ocupar o Instagram — um espaço hegemônico da cultura digital — com símbolos da Umbanda, Álex Solarios tensiona a colonialidade do saber, do ser e do crer.

Dialogando com Frantz Fanon (2008), é possível afirmar que o discurso de Solarios configura um gesto na tentativa de descolonização subjetiva e coletiva, já que reposiciona o sujeito negro-religioso enquanto agente de fala e não mais objeto do olhar racista. Além disso, ao performar sua identidade de forma pública e midiática, ele encarna o que Mignolo (2003) nomeia como aquela racionalidade que emerge das margens do sistema- mundo moderno/colonial. A atuação de Álex Solarios também pode ser lida à luz de autores africanos e indígenas, que também propõem a necessidade da descolonização da mente a partir da linguagem e da cultura. As formas visuais e as narrativas discursivas de Solarios se vislumbra como uma forma de dialogar com o processo de apagamento e silenciamento histórico das religiões afro-indígenas, promovendo aquilo que Ailton Krenak (2019) chama de —nova forma de contar o mundo a partir dos saberes ancestraisl e do sagrado.

A atuação e ação de Álex Solarios na rede social Instagram representa uma inflexão importante nos modos de produção simbólica e midiática da religiosidade afro-brasileira na contemporaneidade. Como ativista folkmidiático ele desafia a hegemonia comunicacional dos grandes grupos religiosos como a comunidade evangélica, ressignifica sua fé umbandista de forma pedagógica e combativa, e contribui para a construção mais diversa e descolonial na esfera pública. Fabiana Moraes (2025) em sua coluna no portal Intercept Brasil fala deste líder popular de Luiz Beltrão e do ativismo folkmidiático de Osvaldo Trigueiro, que o jovem paulistano imprime com coragem, festa e humor em suas práticas sociopolíticas dentro dos metrôs. Ao cantar pontos para Exu nos metrôs da cidade de São Paulo, o mais estigmatizado das entidades da Umbanda, Solarios mobilizou e atraiu simpatizantes e praticantes umbandistas em suas ações presenciais. Mas também passou a ser perseguido no ambiente virtual. Segundo Moraes,

neste ano o ativista religioso chegou a ter a conta do Instagram desativada, ironicamente, por racismo religioso, sendo restituída posteriormente. No entanto, ao avaliarmos o conteúdo que cria para a rede social percebe-se que a sua comunidade virtual cresce e se solidifica, já que desde 15 de junho seus seguidores ultrapassam a marca de 300 mil. Àlex Solarios registrou em seu Instagram:

—Obrigado exú, obrigado espiritualidade e obrigado a geral que curte meu trabalho. Até meu último suspiro será dedicado ao guardião da minha vida, do meu caminho e principalmente da minha alma. LAROYEEE EXÚ, SEU NOME TEM PODER!. Outra constatação é que nas interações nos comentários das postagens analisadas há mais amor do que ódio. Moraes assegura que o assunto mobiliza adeptos, encorajando-os a perderem o medo de se declararem —macumbeiro!. Ao ser usado positivamente pelo povo de terreiro, o termo ganha outras camadas, perdendo aos poucos o uso de forma pejorativa.

A realidade é que a presença ostensiva de grupos evangélicos em espaços públicos urbanos tem sido fortemente marcada por ações que extrapolam o proselitismo religioso para alcançar práticas de intimidação simbólica e material contra religiões afro-indígenas. A boa notícia é que muita gente cansou dessa prática intimidatória e está partindo para o contra-ataque, ocupando os espaços públicos com fé, humor, amor e objetivo certeiro. São táticas importantes, uma vez que essas disputas não ocorrem em pé de igualdade, com as pessoas adeptas de religiões afro-brasileiras sendo penalizadas também pela própria estrutura estatal que deveria assegurar seus direitos. (Moraes, 2025).

O trabalho que este influencer desenvolve demonstra que os espaços digitais podem ser apropriados como arenas de disputa simbólica, onde vozes historicamente silenciadas da fé umbandista encontram meios de expressão, resistência e emancipação. O exemplo de Álex Solarios no Instagram indica não apenas a eficácia comunicacional da umbanda, mas também os caminhos possíveis para uma folkcomunicação insurgente, situada nas margens e voltada à transformação das estruturas de dominação simbólica ainda presentes na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das mídias sociais digitais como prática folkcomunicacional pode ser entendido como uma forma de apropriação das tecnologias por grupos excluídos e marginalizados pela sua condição social, econômica, cultural ou, no caso aqui apresentado, religiosa. Ao partir do conceito de ativismo folkmidiático proposto por Trigueiro (2008), o presente artigo procurou estabelecer aproximações com as práticas e as estratégicas para visibilizar o enfrentamento ao racismo religioso pelo líder folkmidiático Álex Solarios nas redes sociais.

A observação das postagens e do alcance da página do Instagram do ativista possibilitou identificar o uso de elementos próprios da simbologia da umbanda, a narrativa de subversão da hegemonia religiosa ao evocar a palavra de Exú nas intervenções no espaço público e o processo de difusão de mensagens pela rede social como modo de interlocução com a audiência. Estes aspectos revelam a habilidade do agente de comunicação popular em utilizar meios informais para transmitir mensagens que percorrem simultaneamente o espaço urbano e o ambiente digital.

É, principalmente, na atuação deste líder popular e ativista folkmidiático que acontece um processo de identificação, de consciência cultural e classista, de um movimento marxista e da instrumentalização folkcomunicacional de um grupo marginalizado, como a comunidade umbandista. Também é neste movimento que se dá a construção de diálogos e a desconstrução das macronarrativas da mídia e religiões hegemônicas. Entendemos que é por meio das redes sociais, onde as pessoas —se encontram e consolidam a comunidade de axé, que acontece a reinvenção do intelectual urbano, fomentando a construção de uma cadeia coletiva, combativa ao racismo religioso e atuante nas plataformas digitais. A expectativa perante este cenário de ocupação de espaços físicos e virtuais, de forma organizada, é por uma transformação social coletiva com o estímulo da folkcomunicação.

REFERÊNCIAS

AMPHILO, M. I. Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/45QD911>. Acesso em: 22 jul. 2025.

ARAÚJO, Elaine Barcellos. —Eu menti! Exú não está voltando, não. Ele já está entre nós. XXVIII Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação. Anais

[https://siseve.apps.uepg.br/pt_BR/xxiiiseminariojornalismo/resumos/151]. Ponta Grossa: junho de 2025. (No prelo)

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDO, Adelson da Costa.; MOTA, Renan Jorge de Souza. Comunidade Fanuel, mediação midiática e ativismo folkreligioso em Parintins/Am. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 22, n. 49, p. 195–218, 2024. Disponível em: <https://bit.ly/47pS7x3>. Acesso em: 19 maio. 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACIEL, Betania. Folkcomunicação no panorama da ciência decolonial: culturas populares ecibercultura. In: OLIVEIRA, K. E; PORTO, C; ROSA. F. (Orgs). **Produção e difusão de ciência na cibercultura**: narrativas em múltiplos olhares. Editora da UESC: 2018, p. 97-106. Disponível em www.jstor.org/stable/10.7476/9788574555249.10 Acesso em 21 Jul. 25.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MORAES, Fabiana. „Exu te ama e está voltando!“: grupos afro-religiosos confrontam intolerância evangélica. Intercept_Brasil, 19 de jun de 2025, 10h02. Disponível em <https://bit.ly/4maVIUz>. Acesso em: 21 jul. 2025.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial), 2005.

_____. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, B. S.; MENESSES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOLARIOS, Álex. Instagram: @solarioos. São Paulo, 19 mai. 2025. Disponível em www.instagram.com/solarioos. Acesso em: 19 mai. 2025.

_____. —Obrigado exú,...|| 15 jun. 2025. Instagram: @solarioos. Disponível em <https://bit.ly/4muNqGC>. Acesso em: 10 jul. 2025.

_____. —Respeite meu axé que eu respeito seu amém.|| 19 jan. 2025. Instagram: @solarioos. Disponível em <https://bit.ly/45rlL2l>. Acesso em: 10 jul. 2025.

_____. —Salve a malandragem que sempre me protege.|| 2 mar. 2025. Instagram: @solarioos. Disponível em <https://bit.ly/45aY6V7>. Acesso em: 10 jul. 2025.

TRIGUEIRO, O. O ativista midiático da rede folkcomunicacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 4, n. 7, 2008. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18667>. Acesso em: 19 maio. 2025.

_____. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa (PB): Editora Universitária UFPB, 2008.

WOITOWICZ, K. J. Ativismo (folk)midiático e estratégias de luta na Marcha das Vadias: recortes da ação política nas ruas e nas redes. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 12, n. 26, p. 94–108, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/4ouXGjW>. Acesso em: 15 jul. 2025.